

LINGUASAGEM

DI FELICE, Massimo. “A cidadania digital: protagonismo dos não-humanos e a crise da linguagem ocidental”. In: **ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL**. Coordenação de Maria Eduarda Giering e Roberto Leiser Baronas. 7 maio 2021. 1 vídeo (2h15min21s). Curso *online*. [s.l]: Associação Brasileira de Linguística, 2021.

Luciana A. POSSAS¹

Na aula introdutória ao curso Análise do Discurso Digital, promovido pela ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística) e disponibilizado na plataforma AbralineAD, o Prof. Dr. Massimo Di Felice foi convidado a proferir uma palestra acerca da cidadania digital e o protagonismo de elementos não-humanos na contemporaneidade.

Tal protagonismo refere-se, a partir das novas arquiteturas de conectividades (que Di Felice qualifica como arquitetura interativa reticular) e redes digitais de última geração, à capacidade de entidades não-humanas de comunicar informações diversas sobre si mesmas e sobre o mundo, produzindo novas interações em redes, que Di Felice chama de “transorgânicas”.

O Prof. elencou três evidências desse protagonismo. Em primeiro lugar, tem-se a pandemia da COVID-19 nos anos de 2020/2021, na qual o vírus, uma entidade não-humana, revelou-se detentor de uma importância sobremaneira estratégica para alterar as formas de governança, de polaridade política e de estabilidade econômica em todo o planeta. O protagonismo do Coronavírus deslocou o cenário decisório dos governos para o âmbito da ciência, reconfigurando os parlamentos, e deslocou (quase) toda a interação social para o mundo virtual - desde as mais simples ações relacionadas à alimentação aos mais diversos e complexos contatos no campo da Educação.

A segunda evidência reside no impacto das mudanças climáticas e das preocupações com o meio-ambiente sobre os cenários político, empresarial e social por todo o planeta, de forma que os movimentos de decisão migraram do plano meramente governamental para incluir instituições diversas ligadas ao tópico. A partir de sensores conectados às redes ecológicas, elementos do meio-ambiente fornecem dados a serem trabalhados e que produzem novos dados

¹ Professora de Língua Inglesa e Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Contato pelo e-mail: lucianapossas@hotmail.com.

de forma automatizada, em complexidades interativas sem a presença humana. Toda essa gama de informações produzidas por inteligência artificial tem profundo impacto, desde a constituição de pequenas, médias e grandes empresas até a criação de novos Ministérios em nações de diferentes continentes.

Por último, a partir do advento da Web 2.0 e com a evolução das redes digitais, vê-se o surgimento da internet das coisas (*internet of everything* - IOE). O conceito traduz-se como uma rede de objetos, com acesso através da internet, que contém tecnologia incorporada para interagir com seus componentes internos ou com o ambiente externo, podendo sentir e comunicar o mundo ao seu redor, e alterar a forma, o local e os sujeitos das ações e das decisões. A capacidade de conexão e interação que diversos elementos não-humanos têm de fornecer informações das mais diversas representa, no momento atual, 70% dos conteúdos virtuais produzidos. De geladeiras aos carros, inúmeros itens da vida cotidiana conectam-se uns aos outros e com os humanos, e promovem, na chamada inteligência artificial, uma hiperconexão ou hiper-inteligência.

Assim, atualmente tem-se um conjunto de redes que vêm modificando profundamente a interação dialógica entre todas as entidades, redefinindo a relação comunicativa através de tecnologias e instrumentos, que promovem a possibilidade de se escutar, entender e interagir com todos os elementos também conectados.

Dentre essas modificações mencionadas pelo Prof. Di Felice, pode-se citar a transformação e a evolução das ciências que vêm alterando a percepção humana da natureza, ressignificando o papel (agora não mais passivo) dos objetos no processo de construção do conhecimento científico, uma mudança epistemológica a partir desse papel ativo e fundamental que as “máquinas” da ciência passaram a desempenhar.

Também no campo das ciências sociais, o deslocamento do ponto de vista do mundo ocidental para a inclusão de outras populações e suas culturas promoveu uma virada ontológica e a revisão da ideia de sociedade – da visão antropocêntrica (ou humanocêntrica, como disse Di Felice) da polis grega para a inclusão de elementos diversos (objetos, animais, fenômenos naturais, *etc.*) na categoria de actantes, seres dotados da capacidade de ação, com direitos, poder e influência nos processos decisórios - um rio na Índia, um robô na China, entre outros exemplos mencionados pelo Professor.

Portanto, o protagonismo dos elementos não-humanos traz a noção de cidadania digital, como a entende Di Felice: a ideia de uma cidadania atuante, na qual os humanos e esses

elementos estão conectados de forma complexa e inexorável, elaborando novas formas de governança em conjunto, através da escuta mútua e do diálogo, do processo de digitalização que representa a transubstanciação ou transfiguração da realidade em dados, formando redes de interações. Tal processo é chamado de *datification*, a conversão de comportamentos, escolhas, características e todos os aspectos da vida cotidiana em dados, que são coletados, analisados e manipulados em cenários estabelecidos para a reconfiguração da própria realidade.

Mais ainda - uma vez que a realidade é transfigurada digitalmente, há que se observar que a linguagem não consegue acompanhar as leituras e interpretações teóricas que narram novos tipos de complexidade que conectam humanos e não-humanos. Questionou o Prof. Di Felice como é possível usar a linguagem de que se dispõe atualmente para descrever essas novas complexidades interativas, como descrever as ecologias complexas que interconectam cada elemento de Gaia, o organismo vivo que compreende a camada de vida do planeta, segundo a teoria de Lovelock.

Há uma ruptura linguística, comparável à que marcou a época de Galileu Galilei - a linguagem da contemporaneidade, ainda que em constante modificação, não é mais capaz de nomear as (novas) experiências e realidades, a morfologia do social e suas interações. O limite linguístico impõe a necessidade de se revisar palavras, conceitos para repensar a dimensão comunicativa desta época, a hipercomplexidade das conexões em rede que os elementos humanos e não-humanos habitam. O Prof. Di Felice mencionou a ideia do ato conectivo - não mais uma ação de um sujeito, mas a conexão de diversas entidades actantes, ou seja, qualquer entidade (humana e não-humana) que contribui para o resultado ou a realização de uma ação. Então, como toda a ideia de sociedade é transformada, há que se rever e reformular a linguagem, produto dessa nova sociedade, para dar conta da nova forma de comunicação

O Prof. Di Felice finalizou sua palestra afirmando que o protagonismo dos não-humanos e a cidadania digital do terceiro milênio dependem, portanto, de uma transformação linguística que seja capaz de expressar a hipercomplexidade conectiva, acompanhando as transformações paradigmáticas da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DI FELICE, M. Apresentação do dossiê - A cidadania digital, o net-ativismo e o protagonismo dos não humanos: a comunidade que vem. **Lumina - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF**. Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 12, n. 3, p. 1-2, set./dez. 2018.

DI FELICE, M. Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social. Dossiê Redes Sociais - **Revista USP**. São Paulo, n. 02, p. 6-19, dezembro/fevereiro 2011-2012.